

## JUVENTUDE DE PERIFERIA, MÍDIA TELEVISIVA E LUTAS POR RECONHECIMENTO SOCIAL: TENSÕES E APROXIMAÇÕES.

FERNANDA CARLA DE CASTRO (FACULDADE DE EDUCAÇÃO DA UFMG).

### Resumo

Esta pesquisa se situa no campo da mídia e da educação e investiga como a juventude de periferia se vê representada pela TV, analisando de que forma jovens de camadas pobres de Belo Horizonte recebem quadros televisivos que tematizam a vida nas favelas e nos bairros periféricos. A partir de *Minha Periferia e Central da Periferia*, atrações exibidas pela TV Globo, pretende-se investigar que "leituras" os jovens fazem das produções, apresentadas por Regina Casé. A pesquisa está sendo desenhada com base nos discursos dos idealizadores e na recepção das atrações. A análise da apropriação dos quadros televisivos está sendo desenvolvida a partir da realização de grupos focais com jovens de camadas pobres. Como referencial teórico, são utilizados alguns fundamentos da sociologia da juventude, especialmente os estudos de Pierre Bourdieu (1983) e Juarez Dayrell (2002). Para analisar as estratégias discursivas das produções, o trabalho se baseia em Umberto Eco (1979), Roger Chartier (1990) e Norman Fairclough (2001). A investigação sobre a recepção será feita a partir dos estudos de Michel de Certeau (1994) e Jesús Martín-Barbero (2002). O objetivo é checar se há uma sintonia entre a representação televisiva do jovem de periferia e a recepção que esse público faz desse tipo de atração. Em um contexto mais amplo, a pesquisa tem a intenção de ampliar o debate sobre as lutas identitárias da juventude, apontando as formas como o jovem de camada pobre é tratado e as maneiras como ele gostaria de ser reconhecido socialmente.

### Palavras-chave:

mídia, educação, juventude.

A recepção que os jovens de camadas pobres de Belo Horizonte fazem de quadros televisivos que tematizam a vida nas favelas e nas comunidades em que vivem é o tema deste trabalho, parte da pesquisa acadêmica em desenvolvimento no programa de pós-graduação da Faculdade de Educação da Universidade Federal de Minas Gerais (FaE/UFMG). É uma primeira exploração de dados, obtidos por meio de grupo focal, sobre como os jovens recebem dois quadros de *Minha Periferia*, apresentados por Regina Casé, em 2006, na TV Globo.

O termo "periferia" é usado especialmente por pessoas que não habitam esses espaços, para nomear as favelas e as comunidades pobres das grandes cidades. A denominação surge com a formação, geralmente no entorno de grandes centros, de loteamentos clandestinos ou favelas, para onde as populações pobres foram sendo empurradas. O termo, porém, significa mais que uma demarcação geográfica. Pobres e precárias em infra-estrutura, as "periferias" tornaram-se dependentes dos centros, dotados de serviços urbanos, núcleos de comércio e emprego, espaços de lazer e sociabilidade. Segundo Mendonça e Godinho (2003), no caso de Belo Horizonte, a realidade urbana indica que

(...) no nível 'macro' tem prevalecido e se aprofundado a dinâmica centro-periferia. Aprofundou-se o movimento de auto-segregação das elites e aumentou a distância social entre essas categorias e os trabalhadores em geral, cristalizada na forma de contínuo movimento de periferização dos segmentos operários e populares (p.14).

Nesta comunicação, o uso dos termos "centro" e "periferia" refere-se também a essa polarização, um dos motes de *Minha Periferia*, quadro apresentado por Regina Casé, no programa *Fantástico*, da TV Globo, em 2006. Para pesquisar como os jovens de camadas pobres se viam representados pela TV e ao se fazer um levantamento dos produtos televisivos que tematizavam a juventude de periferia, optou-se pelos quadros de Casé. Em uma primeira análise, eles parecem ter um discurso diferenciado ao tematizarem os jovens pobres; há uma tentativa dos idealizadores de valorizar os moradores de comunidades, apresentando sua produção cultural e engajamento social.

Apesar dessa intenção afirmativa dos idealizadores, o que pensam os jovens pobres sobre a forma como são representados em *Minha Periferia*? Segundo Umberto Eco, para entender o sentido de uma transmissão televisiva é necessário analisar: "1) as intenções do remetente; 2) as estruturas comunicacionais objetivas da mensagem; 3) as reações do receptor em relação aos itens 1 e 2" (ECO, 1970: 366). Com base também em Roger Chartier (1990) e Michel de Certeau (1994), optou-se por investigar os quadros a partir da representação e da recepção dos jovens, apurando as tensões e as aproximações entre o conteúdo exibido e a forma como ele é apropriado pelo público jovem de periferia.

Por meio das representações, os atores sociais são capazes de "traduzirem as suas posições e interesses objetivamente confrontados e (...), paralelamente, descrevem a sociedade tal como pensam que ela é, ou como gostaria que fosse" (CHARTIER, 1990: 19). Já Certeau afirma que "(...) a análise das imagens difundidas pela televisão (representação) e dos tempos passados diante do aparelho (comportamento) deve ser completada pelo estudo daquilo que o consumidor cultural 'fabrica' durante essas horas e com essas imagens" (CERTEAU, 1994: 39). Sendo assim, em *Minha Periferia*, a representação pode ser entendida como as intenções dos idealizadores e as estratégias discursivas dos quadros e a apropriação, como a forma pela qual os telespectadores as recebem.

Apesar de *Minha Periferia* não se concentrar unicamente nos jovens, um mapeamento apontou que várias edições problematizavam a juventude de periferia. Ao se analisarem as intenções de seus idealizadores, percebe-se que o diferencial de *Minha Periferia* é que os quadros procuram inverter a relação da TV com a periferia porque não indicam o que o telespectador "deve" ser ou consumir, mas apresentam as produções culturais dos meios periféricos. Não procuram representar o jovem a partir de um ponto de vista dos que produzem a TV, mas da cultura produzida pelos próprios jovens.

De acordo com Juarez Dayrell (2002), os jovens de periferia encontraram nas produções culturais uma maneira de articularem suas identidades e elaborarem projetos de vida:

(...) os jovens vêm lançando mão da dimensão simbólica como a principal e mais visível forma de comunicação, expressa nos comportamentos e atitudes pelos quais se posicionam diante de si mesmos e da sociedade. (...) Ao contrário da imagem socialmente criada a respeito dos jovens pobres, quase sempre associada à violência e à marginalidade, eles também se colocam como produtores culturais. (...) (p.1-2).

Áurea Carolina e Dayrell, em artigo no qual discutem a produção cultural na periferia de Belo Horizonte, afirmam que não só através da música, mas também do teatro, da dança, da participação em programas de rádios comunitárias, da elaboração de fanzines e de outras formas de expressão, os jovens "(...) estabelecem trocas, experimentam, divertem-se, produzem, sonham em sobreviver

das atividades culturais, enfim, vivem um determinado modo de ser jovem" (CAROLINA, DAYRELL, 2006:288).

Em uma breve caracterização da produção musical dos jovens belo-horizontinos de áreas periféricas, Carolina e Dayrell concentram-se especialmente no estilo rap. São por meio das composições que os rappers lutam por reconhecimento social, "(...) numa postura de denúncia das condições em que vivem: a violência, a discriminação racial, as drogas, o crime, a falta de perspectivas, quando *sobreviver é o fio da navalha*" (CAROLINA, DAYRELL, 2006:291).

Regina Novaes, que também estuda a cena juvenil, discute essa luta por reconhecimento, lembrando que os jovens de áreas periféricas são marginalizados pelo local de moradia, "(...) ao preconceito e à discriminação de classe, gênero, e cor adicionam-se o preconceito e a discriminação por endereço" (NOVAES, 2006:106).

A inserção no universo cultural transforma a condição dos jovens pobres das grandes cidades brasileiras, muitos deixam de ser espectadores passivos e firmam-se como criadores ativos, além de lutarem por visibilidade. Para eles, "essas atividades culturais são um dos poucos espaços de construção de auto-estima, possibilitando-lhes construir identidades positivas. Por intermédio da arte que desenvolvem (...) querem ser reconhecidos, querem visibilidade (...)" (CAROLINA, DAYRELL, 2006:294).

Como apontam os estudiosos e como se verá ao longo deste trabalho, ao falarem dos quadros televisivos, os jovens de camadas populares, em sua maioria, marcados pela desigualdade social, pela violência física e simbólica, acabam falando de suas lutas por reconhecimento. Os jovens da periferia dizem do desejo de serem respeitados e reconhecidos, independente do local de moradia ou da condição social.

### **Representação sem intermediários**

Em uma retrospectiva dos principais programas de TV comandados por Regina Casé, entre eles, *Programa Legal* (1991), *Brasil Legal* (1994) e *Brasil Total* (2003), nota-se, em quase todos, além da veia humorística da apresentadora, a intenção de mostrar o brasileiro e suas peculiaridades. Também chama a atenção, a tentativa de Casé e de seus colaboradores de mostrar o lado afirmativo dos entrevistados, em sua maioria, pessoas anônimas. Na avaliação de Sarah Nery Siqueira Chaves (2007), que analisou a carreira de Regina Casé em sua dissertação de mestrado, Casé, ao lado do antropólogo Hermano Vianna e do diretor Guel Arraes, teriam, ao longo de muitos programas que produziram juntos, criado um projeto de *visibilidade afirmativa*, que se consolidou e ganhou uma dimensão política em *Central da Periferia*[1] e *Minha Periferia*.

Além disso, no discurso dos idealizadores aparece uma valorização recorrente da cultura produzida nas periferias das grandes cidades. No texto de divulgação produzido por Hermano Vianna (2006), na estréia de *Central da Periferia*, publicado pela TV Globo como anúncio em vários jornais brasileiros, o antropólogo afirma:

(...) A periferia se cansou de esperar a oportunidade que nunca chegava, e que viria de fora, do centro. A periferia não precisa mais de intermediários (aqueles que sempre falavam em seu nome) para estabelecer conexões com o resto do Brasil e com o resto do mundo. Antes, os políticos diziam: 'vamos levar cultura para a favela.' Agora é diferente: a favela responde: 'Qualé, mané! O que não falta aqui é cultura! Olha só o que o mundo tem a aprender com a gente' (p.26).

Percebem-se essas mesmas disposições apontadas por Vianna em *Minha Periferia*, atração que estreou logo após *Central da Periferia*, mas como um quadro do *Fantástico*. *Minha Periferia* estreou em abril e se tornou fixo e semanal até dezembro de 2006[2]. Foram 25 edições produzidas pela *Pindorama Filmes*, produtora dirigida por Estevão Ciavatta, dentro do núcleo comandado pelo diretor Guel Arraes. Em *Minha Periferia* há uma tentativa de eliminar os intermediários e deixar a periferia falar por si mesma. No caso dos jovens, percebe-se que são apresentadas as representações que eles fazem de si mesmos, via produção cultural. Vianna (2006) explica esse movimento:

(...) Quando falamos de inclusão, partimos geralmente da suposição que o centro (incluído) tem aquilo que falta à periferia (que precisa ser incluída). (...) vemos que a periferia não esperou que o centro apresentasse as novidades. Sem que o centro nem notasse, inventou novas culturas (muitas vezes usando tecnologia de ponta) que podem muito bem vir a indicar caminhos para o futuro do centro, cada vez em pânico diante do crescimento incontrolável da periferia (p.26).

Ter se tornado um quadro do *Fantástico*, um dos programas mais prestigiados e de maior audiência da TV Globo, foi, segundo os diretores, uma estratégia para dar uma visibilidade maior à cultura das periferias. Conforme Casé, em entrevista à revista *Raça Brasil*, a atração de sábado à tarde era vista em sua maioria pelas camadas populares e, através do *Fantástico*, um programa também assistido pelas camadas mais favorecidas, a cultura da periferia poderia ser vista por esse outro público: "Não quero mostrar a periferia só para quem é da periferia porque sou justamente contra o gueto. Eu quero abrir avenidas por dentro da periferia para que a periferia possa tomar conta da cidade e a cidade possa entrar na periferia".

No quadro do *Fantástico*, observa-se a tentativa de mostrar o lado afirmativo da vida nas comunidades. Não que temas como violência, criminalidade e desemprego não tenham sido debatidos, mas tanto o lado mais "duro" quanto a realidade mais afirmativa foram exibidos do ponto de vista dos moradores das comunidades. Percebe-se a tentativa de discutir também os conflitos, mas de acordo com a demanda e o olhar dos moradores das áreas periféricas.

Pode-se dizer que, nas primeiras edições, são artistas e ex-moradores de periferias que falam da vida nas comunidades. Nos primeiros quadros, Luís Melodia e Elza Soares e atores, inclusive os jovens Thiago Martins[3] e Douglas Silva[4], todos bem sucedidos em suas carreiras profissionais, mostraram vilas e favelas onde nasceram. Em um segundo momento, os quadros de fato buscaram uma nova forma de representar os moradores das periferias, colocando-os como protagonistas. A estratégia foi destacá-los como produtores culturais. Nessa fase, *Minha Periferia*, deu ênfase a grupos como os de percussão e *hip-hop*, surgidos em periferias de vários estados brasileiros, e também realçou o potencial criativo das comunidades, mostrando as indústrias alternativas de cultura existentes nas periferias urbanas, além de debater a atuação das ONG's nesses meios.

Os quadros escolhidos para análise foram os de 14 e 21 de maio de 2006, que tiveram os jovens de periferia como protagonistas. O primeiro mostrou especialmente os jovens da Kabum!, uma escola[5] que oferece cursos gratuitos de design, computação gráfica, vídeo e fotografia. Também foram ouvidos os coordenadores das oficinas e jovens paulistanos que abriram uma produtora de vídeo depois que deixaram de pertencer a uma ONG. No segundo, o enfoque foi o envolvimento de jovens de áreas pobres com a música, com destaque para o *Batuque Usina*, grupo de percussão de Pernambuco.

Nesta comunicação, optou-se por analisar, entre outros possíveis, cinco aspectos dos quadros: a personagem Regina Casé, a discussão sobre centro x periferia, a "negociação" de sentido com o telespectador, a metalinguagem e o destaque ao espírito empreendedor dos jovens de periferia.

Percebe-se que, ao longo dos quadros, Casé adota um discurso coloquial, - "encanado", "pô", "q'esse lance" - bem próximo da linguagem usada pelo público jovem. Essa informalidade, que sugere intimidade, tornou-se uma marca. Existe "uma Regina Casé divertida, engraçada, que usa todos os elementos populares que encontra à mão para posicionar-se como uma popular, quase tão anônima e ordinária quanto os personagens que representa (...)" (CHAVES, 2007:62). A fala de igual para igual com os jovens de periferia remete à discussão feita por Norman Fairclough sobre democratização do discurso, entendida como "(...) a retirada de desigualdades e assimetrias dos direitos, das obrigações e do prestígio discursivo e lingüístico dos grupos de pessoas". (FAIRCLOUGH, 2001:248).

Nos dois quadros, Regina Casé também provoca uma discussão sobre centro e periferia, "asfalto" e "morro", as barreiras entre os moradores e as distâncias sociais entre eles. Nota-se que os diretores escolhem sonoras que discutem a questão, como a deste jovem de Salvador:

"O periférico assim...foi um rótulo criado pra assim, dizer que a gente tá longe, longe do centro, não tem o padrão adequado pra frequentar esse centro que até hoje eu não sei onde é...Então a gente tá ao redor do centro, mas não pode chegar ao centro, mas, contrariando, a gente chega no centro".

Também, nota-se uma "negociação" de sentidos com o receptor. Na sequência a seguir, do quadro exibido em 21 de maio, além da metalinguagem, uma crítica da TV à própria TV, Regina Casé antecipa o sentido que será dado pelo espectador, explica-o e busca modificá-lo:

"Eu tenho certeza que a música melhora o mundo. Quer ver uma coisa? Você já deve tá pensando, "ih, já vem Regina Casé com esse papinho de projeto social", já tá quase mudando o canal, né?... Aí, de repente, você ouve isso aqui, ó...(sobesom de percussão).[...] É que hoje no Brasil já existe muito músico formado em projetos sociais na periferia. Muita gente boa, bandas, orquestras, tudo de alto nível[...]".

A apresentadora fala de possíveis críticas e até da migração da audiência para outro canal televisivo. Casé se dirige aos telespectadores, projetando uma reação possível desse público diante do quadro televisivo. Para neutralizar uma rejeição ao assunto proposto, destaca a qualidade musical das produções da periferia.

Por fim, pode-se assinalar um outro aspecto de *Minha Periferia*: destacar o lado empreendedor dos jovens moradores de áreas periféricas. No quadro de 14 de maio, Casé realça o espírito batalhador de dois jovens paulistanos que abriram uma produtora de vídeo depois que deixaram uma ONG:

"Sai do projeto e vai fazer o quê? Bom, eles resolveram que iam sair do projeto e continuar fazendo vídeo. Pra isso eles correram muito atrás, montaram uma produtora, uma produtora muito bacana que se chama Filmagens Periféricas".

### **"Fabricações" do receptor**

Jesús Martín-Barbero, um dos pensadores mais considerados nos estudos de recepção, acredita que é preciso "(...) estudar não o que fazem os meios com as

peessoas, mas o que fazem as pessoas com elas mesmas, o que elas fazem com os meios, a sua leitura" (MARTIN-BARBERO, 2002:55).

Para analisar as "leituras" dos quadros de *Minha Periferia*, foi realizado um primeiro[6] grupo focal com jovens entre 18 e 22 anos, de camadas pobres de Belo Horizonte. Bernardete Gatti destaca que o grupo focal traz "um conjunto concentrado de informações de diferentes naturezas (conceitos, idéias, opiniões, sentimentos, preconceitos, ações, valores) para o foco de interesse do pesquisador" (GATTI, 2005:69).

Pierre Bourdieu afirma que é temerário teorizar sobre jovens como se fossem "uma unidade social, um grupo constituído dotado de interesses comuns, e relacionar estes interesses a uma idade definida biologicamente" (BOURDIEU, 1983:113). Apesar de problemático categorizar juventude a partir de um marco etário, no caso dos grupos, optou-se pela faixa entre 18 e 22 anos, escolha feita com a consciência de que, no intervalo compreendido entre a idade mínima e a máxima, os jovens mantêm a sua heterogeneidade.

Nessa primeira sessão, os jovens assistiram e debateram sobre os dois quadros com a mediação de um moderador, que seguiu um roteiro de perguntas. O debate foi gravado e transcrito. Na primeira análise, procurou-se destacar em que a recepção dos quadros se aproximava ou se distanciava das intenções e estratégias utilizadas pelos idealizadores.

Nota-se que os jovens, de uma maneira geral, são simpáticos à apresentadora Regina Casé e elogiam sua atuação:

"É uma pessoa que não tem preconceito".

"Você vê que a pessoa está passando pelo gosto de fazer aquilo. Não é só por trabalho. É como se fosse o momento dela".

"Ela é uma pessoa inteligente que passa de uma forma mais popular, mais clara, não naquelas palavras que a gente não entende" [...].

Nessa última fala, aparece uma tensão porque, apesar do elogio à apresentadora e ao seu discurso informal, o depoimento sugere que ela não "é" popular, mas se "passa", apresenta-se, como uma popular. Levanta-se o questionamento se Casé realmente aparece como "do povo" para os jovens, se a visão da apresentadora como "comum", "anônima" seria mais das camadas médias e dominantes do que dos meios populares.

A intenção dos idealizadores de mostrar o lado afirmativo das áreas pobres é bem recebida:

"É bom esse programa, porque muita gente acha que na favela só tem gente ruim. [...]. Acha que na favela só tem gente sem educação, tem muita gente humilde e trabalhadora".

"É um outro lado que o Brasil mesmo não conhece, não enxergava. Quando fala da comunidade, só vê favelado, pobre, burro, passando fome [...]. E não é assim. Tudo tem um lado diferente".

A discussão sobre uma separação entre centro e periferia é vista como importante. A exemplo dos entrevistados dos quadros, os jovens do grupo rejeitam o rótulo de moradores de periferia:

"Periferia é uma palavra muito forte e comunidade quer dizer que tem muitas pessoas humildes morando naquele lugar".

"Palavra muito arrastada, dá impressão negativa do lugar. É como ela falou, devia ter outro nome, comunidade, bairro".

Ao comentarem histórias de discriminação sofridas pelos entrevistados de *Minha Periferia*, os jovens narram situações de preconceito vividas por eles próprios:

"Geralmente, tem gente que tem medo. O povo sai correndo se você falar que mora na favela. Acham que na favela só tem traficante".

"Vê uma pessoa negra, de boné, de bermuda, quando vê, fala: já vem um bandido. Quando chega perto, fecham o vidro".

O empreendedorismo juvenil destacado nos quadros também é recebido de forma positiva. Um dos participantes usa quase os mesmos argumentos dos jovens entrevistados nos quadros - a necessidade de "correr atrás" e não ficar de braços cruzados esperando as oportunidades - ao falar da busca por melhores condições de vida; outro participante dá como exemplo de força de vontade, a motivação por cursar o terceiro grau:

"Eu vejo a situação de nós jovens pensar que é pobrezinho, ninguém vai olhar. Tem que correr atrás. Não pode falar, oh, Deus, manda um emprego pra mim". [...].

"Estou correndo atrás, estou fazendo curso de contabilidade para segurar a bolsa da faculdade. Quero fazer engenharia, não sei de quê".

Com relação às indústrias culturais alternativas surgidas nas periferias, os jovens avaliam que as manifestações ainda não têm visibilidade e que a mídia dá pouco espaço a elas:

"Agora que está dando um pouco de espaço[...] Antigamente era só em rádio comunitária que ouvia funk".

"Você acha empresário fácil para investir na 'Mulher Melão', na 'Mulher Melancia', mas não acha para investir num favelado cantor ou bom de bola".

"Jornal, quando morre alguém na favela, mostra. Mas quando é alguém que tem um talento é raro sair no jornal".

Além da real visão que os jovens de camadas pobres têm da apresentadora Regina Casé, outro ponto de tensão observado no debate está relacionado ao alcance dos quadros. Os jovens avaliam que, apesar da intenção dos idealizadores, atrações como *Minha Periferia* não sensibilizam moradores de outras camadas sociais:

"O povo de fora quer ajudar quem está lá fora, não quer ajudar quem está na periferia, para crescer". [...].

"Esse tipo de programa quem vai ver é quem é da comunidade. A alta sociedade nem vai passar perto. Só poucas pessoas".

"Porque é do Fantástico, se fosse um programa separado, não ia dar ibope".

De maneira geral, conclui-se que os jovens se identificam com a forma pela qual são representados em *Minha Periferia*. Os quadros acabam gerando uma discutibilidade sobre a realidade deles. O que questionam é se essa representação alcança e mobiliza moradores de fora da comunidade. A recepção de *Minha Periferia* faz pensar se os quadros conseguem atingir o objetivo de Regina Casé de "abrir avenidas por dentro da periferia para que a periferia possa tomar conta da cidade e a cidade possa entrar na periferia".

### Ficha Técnica

Quadro de 14/05/2006:

Direção: Jéferson de e Adriana Feliciano. Redação final e direção: Mônica Almeida e Patrícia Guimarães. Imagens: Maurício Jordy e Roberto Carlos. Produção: Iracema Marcondes, Mariana Pinheiro e Renata Moura. Assistentes de direção: Karen Barros e Mariana Reade. Núcleo Guel Arraes. Duração: 08'02".

Quadro de 21/05/2006:

Direção: Estevão Ciavatta, Mônica Almeida, Patrícia Guimarães. Imagens: Álvaro Aníbal dos Santos. Produção: Iracema Marcondes, Mariana Pinheiro e Liv Castro. Direção de fotografia: Fred Rangel e Joel Francisco. Edição: André Pinto. Núcleo Guel Arraes. Duração: 07'21".

### Referências

BOURDIEU, Pierre. A Juventude é apenas uma palavra. In. BOURDIEU, Pierre. **Questões de Sociologia**. Rio de Janeiro: Editora Marco Zero Limitada, 1983. p.112-121.

CAROLINA, Áurea. DAYRELL, Juarez. Juventude, produção cultural e participação política. In: **Mídias comunitárias, juventude e cidadania**/organizado por Rafaela Pereira Lima. Belo Horizonte: Autêntica/ Associação Imagem Comunitária, 2006, p. 286-300.

CERTEAU, Michel de. **A invenção do cotidiano: artes de fazer**. Petrópolis: Vozes, 1994.

CHARTIER, Roger. **A História Cultural: entre práticas e representações**. Lisboa: Difel, 1990.

CHAVES, Sarah Nery Siqueira. **"Tenho cara de pobre": Regina Casé e a Periferia na TV**. 2007. Disponível em <[http://www.pos.eco.ufrj.br/publicacoes/mestrado/dissertacoes\\_2007.html#16](http://www.pos.eco.ufrj.br/publicacoes/mestrado/dissertacoes_2007.html#16)>. Acesso em 10/07/2009.

DAYRELL, Juarez. **Juventude e produção cultural na periferia de Belo Horizonte**. 2002. Disponível em <<http://www.fae.ufmg.br:8080/objuventude/textos/ARTIGO%20GODOY.pdf>>. Acesso em 01/07/2009.

ECO, Umberto. Para uma investigação semiológica sobre a mensagem televisional. In: **Apocalípticos e integrados**. São Paulo: Perspectiva, 1970, p.365-386.

FAIRCLOUGH, Norman. **Discurso e mudança social**. Brasília: Editora Universidade de Brasília, 2001.

GATTI, Bernardete Angelina. **Grupo Focal na pesquisa em Ciências Sociais e Humanas**. Brasília: Líber Livro Editora, 2005.

MARTÍN-BARBERO, Jesús. América Latina e os anos recentes: o estudo da recepção em comunicação social. In: SOUSA, Mauro Wilton de (Org). **Sujeito, o lado oculto do receptor**. São Paulo: Brasiliense, 2002. p.39-68.

MENDONÇA, Jupira Gomes. GODINHO, Maria Helena de Lacerda (orgs). **População, espaço e gestão na metrópole**: novas configurações, velhas desigualdades. Belo Horizonte: PUC Minas, 2003.

NOVAES, Regina. Os jovens de hoje: contextos, diferenças e trajetórias. In: ALMEIDA, Maria Isabel Mendes de.; EUGÊNIO, Fernanda (Orgs). **Culturas jovens**: novos mapas do afeto. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editora, 2006, p.105-120.

Matérias e textos de revistas e jornais:

MOTA, Denise. "Regina Casé - Muita coragem para abraçar o Brasil". **Revista Raça Brasil**. Setembro de 2006. Disponível em <http://racabrasil.uol.com.br/Edicoes/102/artigo28382-2.asp>

Acesso em 15/07/2009.

VIANNA, Hermano. Central da Periferia. Jornal **O Globo**. Rio de Janeiro, 08 de abril de 2006, p.26.

---

[1] *Central da Periferia* surgiu como um programa de auditório, comandado por Regina Casé, nas tardes de sábado. Após o primeiro, foi elaborado o *Minha Periferia*, quadro do *Fantástico*, que tornou-se semanal. O programa e o quadro têm basicamente a mesma equipe de produção e, ao falarem do programa, os produtores de *Central* se referem ao quadro e vice-versa.

[2] Em 2007, Casé voltou ao *Fantástico*, com *Central da Periferia*, *Minha Periferia é o Mundo*, onde apresentava favelas de diversas partes do mundo. Em 2008, Casé estreou no *Fantástico*, a série *Central da Periferia: Lan House!*, mostrando as lan-houses de periferias brasileiras. Em junho de 2009, também no *Fantástico*, Casé estreou o quadro *Vem com Tudo*, mostrando as tendências na música, na moda, na gastronomia, entre outros campos.

[3] O ator nasceu na Favela do Vidigal, no Rio de Janeiro. Participa do grupo teatral *Nós do Morro*. Atuou no filme *Cidade de Deus* e na série *Cidade dos Homens*.

[4] O ator nasceu no Complexo da Maré, no Rio de Janeiro. Participou do filme *Cidade de Deus* e da série *Cidade dos Homens*.

[5] O projeto é financiado pela operadora de telefonia Oi e acontece no Rio de Janeiro, Recife e Salvador.

[6] A pesquisa prevê a realização de mais três grupos focais.